

RENDA INDUSTRIAL AJUDA A MANTER A FFLCH

Gilberto Maringoni
Jornalista



Unidade oferece mais de 100 cursos pagos, os quais têm peso importante na receita. Em 2001, os cursos geraram R\$ 689 mil, valor que representou 34% da verba disponível para custeio e investimento. A direção garante que as atividades pagas não remuneram docentes da USP

Há dois debates em curso na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH): a existência de cursos pagos e a divisão das receitas. A verba oriunda das atividades pagas ingressa na tesouraria da unidade como renda industrial, e reforça sua dotação orçamentária, em meio a polêmicas sobre volume de repasses e possíveis conflitos entre a instituição pública, que oferece serviços gratuitos, e setores que cobram por suas atividades.

“No plano dos princípios há uma dificuldade nesta questão, que nós tentamos resolver em parte”, reflete o professor Francis Aubert, que dirigiu a FFLCH até julho de 2002. “Não temos fundações na unidade, o que resolveria de certa forma esta contradição”, lembra ele com voz pausada. “Mas também estamos usando termos aparentemente iguais para questões num certo sentido diferentes. Ensino público e gratuito é graduação e pós-graduação. As atividades de extensão podem ser muitas”, diz.

“Estamos falando de algumas atividades que por acaso são relacionadas ao ensino. Mas extensão em vários casos pode ser exame laboratorial, ou pareceres museológicos, por exemplo”, completa. A FFLCH oferece uma série de cursos de inglês, espanhol, alemão e francês, com duração entre três e quatro meses e preços totais que variam de R\$ 200 a R\$ 426, além

de cursos de extensão cultural em diversas áreas.

Para o professor Aubert, “alguns deles têm um pagamento quase simbólico”. Os cursos são organizados através da Comissão de Cultura e Extensão (CCEX). “Nos cursos de línguas, por exemplo, temos estipulado que 50% das vagas têm de ser gratuitas, pois a necessidade do aprendizado de idiomas não é só da comunidade externa, mas dos próprios alunos da Faculdade”, garante.

Em 2001, a renda industrial da FFLCH correspondeu a 84% da dotação inicial da unidade

A FFLCH oferece mais de uma centena de cursos de extensão pagos, e existe uma grande procura por eles. Segundo dados oficiais da direção da escola, a chamada renda industrial, composta por recursos extra-orçamentários, entre eles a receita dos cursos, representou no ano passado um volume de recursos equivalente a 84% da dotação orçamentária inicial.

A unidade teve, em 2001, uma dotação inicial de R\$ 1.300.072,82. A ela agregou-se um montante, proveniente de receitas suplemen-

tares (aluguéis, doações, multas e outras), de R\$ 1.099.616,97, destacando-se, dentro deste valor, o recolhimento de taxas oriundas dos cursos, que alcançou a cifra de R\$ 689.118,95. Assim, da quantia de R\$ 2.399.689,79 com que a FFLCH contou efetivamente para custeio e investimento em 2001, os cursos pagos responderam por 34%.

O professor Aubert destaca que se não fosse esta renda suplementar muitas das atividades, como publicações, manutenção predial e auxílio a eventos, ficariam comprometidas. “A própria reforma do prédio da Faculdade de História, que estava um pardieiro, só foi possível com a entrada destas verbas suplementares”, exemplifica. Ele argumenta ainda que estas atividades são auto-sustentáveis e não colidem com a atividade docente. “Não são os professores da casa que ministram os cursos; eles apenas os coordenam e não recebem nada por isso”, frisa.

São contratados monitores, geralmente alunos de pós-graduação que não têm bolsas de estudo. “Eles são remunerados com parte do montante arrecadado nas taxas”, diz o professor. Da receita dos cursos, 20% são destinados à FFLCH. Metade desta parcela é investida em melhorias nos cursos de graduação e outra metade vai para despesas gerais, como reparos de equipamentos. Os 80% restantes ficam com o departamento responsável, de onde sai o pagamento dos monitores.

Receita da FFLCH em 2001*

Dotação inicial	1.300.072,82
Taxas (cursos)	689.118,95
Outras receitas suplementares	410.498,02
Total	2.399.689,79

*Custeio e investimento. Fonte: direção da FFLCH

CENTRO DE LÍNGUAS REÚNE 14 DOCENTES

Almir Teixeira

Jornalista

O Centro de Línguas da FFLCH (CL) oferece cursos de idioma para até 800 alunos por semestre. O aprendizado instrumental de idiomas, voltado mais à leitura e à escrita, ofertado pelo CL, é gratuito para alunos da USP, mas cobrado do público externo. O CL cobra ainda metade da taxa quando os inscritos são estagiários, alunos especiais e alunos de cursos de especialização da USP. Segundo informações do diretor do centro, professor Reginaldo Pinto de Carvalho, o índice de pagantes fica em torno de 20% do total de alunos.

A diretora do Centro Acadêmico dos cursos de Letras, Paula Miranda França, questiona a própria permanência da sede do CL no prédio da Faculdade e considera pouco transparentes as suas atividades. “Gostaria de saber o que acontece lá dentro. Certamente isto não é discutido porque, se fosse, ao menos os representantes discentes saberiam”. Estranhamente, o próprio diretor afirma ter poucas informações sobre a movimentação financeira do CL: “A tesouraria [da FFLCH] é que cuida das contas. O CL não possui autonomia financeira”.

O centro conta com 14 professores, sendo 11 deles contratados pela USP em regime celetista. Os outros três professores recebem por meio da tesouraria, e seus salários vêm do dinheiro arrecadado pelo CL. “Este é o principal motivo de a entidade trabalhar atualmente no vermelho”, afirma o professor Carvalho.

Ele considera o trabalho do CL importante e casado aos interesses da comunidade acadêmica: “Isto acontece porque os coordenadores do centro podem casar seus projetos acadêmicos com as atividades do CL, como acontece na área de português para estrangeiros”. O professor informa ainda que os coordenadores, que trabalham em RDIDP, não recebem remuneração por suas atividades no CL. Em compensação, o dinheiro dos cursos é eventualmente empregado em viagens a congressos relacionados aos cursos instrumentais de idiomas.